

APELO À CIDADANIA

por Mário Soares

O Ocidente - e a União Europeia, em especial - estão a atravessar um período muito difícil e perigoso. Estão a caminho de poder deixar de ser o centro do Mundo, como aqui tenho escrito algumas vezes. Por culpa própria, fraqueza dos seus actuais dirigentes, pela crise económico-financeira que não têm sabido dominar e, ainda, pelo progresso acelerado, em contraste com a Europa, dos países ditos emergentes, não só a China, a Índia e o Brasil, mas também a Rússia, o Japão e alguns outros.

A União Europeia está perante um dilema, a que não pode fugir mas que, até aqui, tem procurado ignorar: ou dá um passo em frente, reforçando a solidariedade entre os 27 Estados que a compõem, as instituições europeias e define uma estratégia comum, concertada, para atacar a crise ou corre o risco de se desagregar. O que seria, a prazo, a morte do mais original e importante projecto de paz, de entendimento entre os Estados e de bem-estar, para as populações, de que o Mundo tem experiência.

O euro está a ser atacado, por especuladores que só pensam no lucro. Mal ou bem, graças também às novas orientações e ajudas concedidas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), dirigido, desde 2008, pelo inteligente e hábil Dominique Strauss-Kahn, neo-Keynesiano e inovador e, obviamente, pela ajuda da Europa, Portugal incluído, a Grécia tem possibilidades de se recompor. Mas há outras preocupações e outros países europeus em dificuldades, como Espanha, a Irlanda e Portugal, não os esqueçamos.

O grande economista e prémio Nobel Joseph Stiglitz, que nos anos anteriores à crise global foi dos primeiros a detectá-la e a avisar, quanto ao que aí vinha, como várias vezes tive ocasião de chamar a atenção, em artigos anteriores, numa entrevista dada no Domingo passado ao El País, diz que o euro - a moeda única europeia - "corre o risco de desaparecer", o que seria, obviamente, uma tragédia, extremamente negativa para o futuro da União.

Esperemos que isso não aconteça. Mas o alarme foi dado e é importante para que os responsáveis pelo futuro da Europa, dos 27 Estados membros, o oiçam, o tomem na devida conta e assumam as políticas necessárias para evitar o que seria um terrível passo atrás, muito negativo nas suas consequências.

A Alemanha, mais do que a França, desde que a Senhora Merkel mudou de coligação e se associou aos Liberais - deixando os sociais-democratas na Oposição, o que aliás pode ser salutar para o SPD - assumiu posições estranhas e condenáveis relativamente à Grécia. Deixou vir ao de cima um certo egoísmo nacional, inaceitável, para um Estado que tem sido um dos motores, o mais importante da Europa, no sentido de ser o que mais paga.

Pode entender-se que a Alemanha se canse de abrir a bolsa para valer a Países com excesso de despesismo, o que não acontece com o Governo Merkel. Mas isso não é compatível com o papel que quer, legitimamente, jogar na Europa. Até porque a Alemanha isolada, corre o risco de voltar aos seus velhos demónios de dominação, que a Europa não pode nem deve esquecer.

Os dirigentes europeus não têm querido ver o perigo, que a União Europeia corre, não querendo atacar as Causas da crise global que nos afecta e recusando-se a punir os responsáveis. Não foram até agora capazes de criar um novo modelo económico ou o que Barack Obama chama um "novo paradigma". Esse estado de alma, chamemos-lhe assim, está a arrastar-nos para uma paralisia de iniciativas, que se prolonga há dois anos, e nos será fatal. É preciso reagir. Os europeus conscientes, com a consciência da importância da cidadania europeia, devem reagir, pacífica e esclarecidamente. Os jovens da geração do Erasmo, que são europeístas, devem estar na ponta desse combate, tão decisivo para o seu próprio futuro.

Apelo, pois, para a cidadania europeia, de todos os países e idades, mulheres e homens, a fim de pressionar os respectivos Governos nacionais para mudarem de política e de modelo económico e social. Em democracia a voz dos cidadãos, desde que se faça ouvir, conta muito, porque os governantes sabem todos que dependem do voto, que é a arma da democracia. É dela que depende a legitimidade e o poder dos Governantes...

Lisboa, 22 de Abril de 2010